

ARTIGO | EM BUSCA DE UMA POLÍTICA EXTERNA RAZOÁVEL

Hoje, vivemos um desses momentos cruciais, em que mudanças estruturais na ordem internacional se combinam com crises múltiplas e simultâneas na área da saúde, da economia e da política

Hussein Kalout

02/11/2020, Revista Época

A capacidade de uma política externa em obter resultados para o país e contribuir para o desenvolvimento nacional depende de quatro fatores principais: memória institucional e histórica; consciência da realidade dos fatos e da configuração de poder; pragmatismo para traduzir valores e interesses em resultados; e visão estratégica, que pressupõe os três anteriores e aponta para um horizonte de futuro.

Embora isso seja verdadeiro em quaisquer circunstâncias, é nos momentos de crises ou de redefinição da configuração mundial de poder que tais características de uma política externa razoável se tornam ainda mais importantes e urgentes. Hoje, vivemos um desses momentos cruciais, em que mudanças estruturais na ordem internacional se combinam com crises múltiplas e simultâneas na área da saúde, da economia e da política.

Em matéria de saúde, a pandemia vai exigir novas formas de prevenção e tratamento, exigindo um esforço de adaptação dos sistemas de saúde nos diversos países e novas formas de cooperação internacional. A crise econômica causada pela pandemia, por sua vez, já é pior em estragos e aniquilação de empregos do que a crise de 1929, levando a novas formas de encarar o papel do Estado e a relação entre economia e proteção social.

Na política, líderes serão julgados pela capacidade de responder à crise em suas múltiplas facetas, oferecendo um horizonte de prosperidade e bem-estar. Os pontos cardeais da ordem internacional têm sido embaralhados e hoje a disputa EUA-China, de desfecho incerto, é a mãe de todas as disputas, demandando uma estratégia clara por parte de países como o Brasil.

Nossa atual política externa, contudo, está longe da razoabilidade que já foi sua marca registrada. Retrocedemos nos quatro fatores que garantem a eficácia de qualquer estratégia de política exterior. A memória institucional e histórica foi apagada ou distorcida para justificar a política de tábula rasa que hoje prevalece, numa tentativa de afirmar uma revolução reacionária que na prática significa implantar a amnésia diplomática, em que se esquecem os interesses reais em nome de uma ideologia sectária.

A análise de evidências, dos fatos e das relações de poder deram lugar à ideologia anti-globalista, ou seja, a construção de monstros imaginários, inimigos artificiais, fabulações fantasmagóricas. Com isso, perdemos oportunidades reais de liderar na região e em temas nos quais temos vantagens comparativas, como é o caso do desenvolvimento sustentável e a economia verde. Deixamos de ser uma referência em discussões multilaterais, já que a ideologia prevalecente prega a desconfiança ao multilateralismo.

O pragmatismo foi abandonado e substituído pelo alinhamento automático e servil à administração Trump em temas internacionais variados – de questões de gênero ao Oriente Médio, retirando do Brasil a capacidade de investir recursos diplomáticos na busca de interesses reais do país, em vez de importar conflitos que não nos pertencem. Optamos assim por fustigar os adversários de Trump que não temos

razão alguma para antagonizar, a começar pela China, principal parceiro comercial, além de comprar brigas também com grandes investidores como França e Alemanha, na crença ingênua de que temos de ser amigos é dos conservadores da Hungria e da Polônia!

A visão estratégica também está ausente. A não-estratégia em vigor se resume à terceirização da definição de nosso interesse nacional ao governo Trump. Essa aposta única deixa o Brasil em maus lençóis por duas razões. Mesmo que Trump seja reeleito, seguiremos na mesma toada de subordinação ao trumpismo, o que promete gerar prejuízos de reputação, mas também perda de investimentos e mercados em outros quadrantes, isso sem falar na má vontade de Congresso dominado por democratas de aprovar qualquer acordo mais ambicioso com o Brasil. Se Trump perder, será necessário um ajuste profundo da política externa ou o Brasil ficará literalmente pendurado na brocha, sem eira nem beira.

Independentemente de quem ganhe as eleições nos EUA, o Brasil é um país grande, com peso específico considerável na cena internacional, que tem seus próprios interesses. Retomar uma senda razoável na política externa será uma condição necessária para ajudar o país a enfrentar as crises múltiplas e o novo contexto geoeconômico internacional em condições de garantir acesso a mercados, investimentos e insumos estratégicos.

Para tanto, a reconfiguração dos atuais eixos da diplomacia brasileira não é apenas um imperativo da razão, mas uma questão de sobrevivência num mundo de profundas mudanças na estrutura de poder. Se não entendermos isso, seguiremos abraçando alegremente a condição de país pária orgulhoso dessa condição, fazendo o país desempenhar o papel ridículo e também triste dos passageiros que dançam animadamente ao som da orquestra de um Titanic fazendo água e prestes a afundar.

HUSSEIN KALOUT– Cientista Político e Pesquisador da Universidade Harvard. Foi Secretário Especial de Assuntos Estratégicos da Presidência da República (2016-2018).

Esse artigo foi publicado originalmente em: <https://epoca.globo.com/brasil/artigo-em-busca-de-uma-politica-externa-razoavel-24724760>.